

"Eu lembro que, quando cheguei na 5ª série, antigo ginásio, com apenas 11 anos, eu era o mais novo da sala e os outros meninos tinham entre 13 e 14 anos. Por ser o menor, acabava sendo alvo de repetidas brincadeiras, como, por exemplo, ser impedido de embarcar no transporte na hora da saída. Sempre que meu ônibus parava no ponto, eles seguravam a minha mochila e não me deixavam subir. Com isso, eu quase sempre perdia a condução e tinha que ficar mais um tempo à espera da próxima. Como eu não tinha como enfrentá-los, às vezes ia para um outro ponto de embarque", lembra Paulo, hoje aos 40 anos, garantindo que, nem por isso, tornou-se um adulto violento ou traumatizado por essa situação.

De acordo com a Psicóloga e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) Lilian Graziano, o indivíduo que tem a percepção mais acurada de suas "forças pessoais" e das qualidades e virtudes dos colegas, conhecendo e respeitando as diferenças inevitáveis, tem menos chance de praticar *bullying*, informa a psicóloga. E maior predisposição para desenvolver a chamada resiliência, sentimento que faz o sujeito resistir com maior equilíbrio a eventuais assédios, aprendendo com o fato, mantendo suas emoções positivas e contribuindo para um desfecho sem traumas da situação. "A resiliência ajuda a vítima de *bullying* a entender, por exemplo, que o

O livro Manual Antibullying, do Psiquiatra Gustavo Teixeira, oferece formas de tratar um problema cada vez mais discutido no Brasil



ato cometido tem mais a ver com uma limitação do agressor do que com algo negativo de sua própria personalidade", detalha a diretora do Instituto de Psicologia Positiva e Comportamento.

Com estudos bastante recentes no Brasil, datados da década de 1990, o *bullying* praticado nas escolas (*School place bullying*) e seus efeitos têm sido alvo de pesquisas realizadas por instituições com a missão de resguardar os direitos das crianças e dos adolescentes, como a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), uma das primeiras a discriminar os tipos de *bullying*; locais de maior frequência; reação dos alunos-alvo ou agressores; sentimentos em relação à situação; a população-alvo; sua faixa etária e sexo.

Segundo os resultados da pesquisa, realizada entre alunos de 9 escolas da rede pública e duas particulares, 50,5% dos autores de *bullying* são do sexo masculino. "No ano passado eu quase perdi o ano

letivo por faltas. Eu não tinha mais vontade de ir à escola porque alguns meninos da minha sala ficavam me zoando, por eu ser muito magra. Todo dia eles inventavam um apelido, faziam musiquinha...era horrível", desabafa a menina, de 13 anos, aluna de uma escola do Rio de Janeiro, que prefere não se identificar.

Como no Brasil ainda não há uma lei federal antibullying, cujas ações sejam detalhadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, alguns estados e municípios se anteciparam e criaram seus projetos de lei. No ano passado, o Rio Grande do Sul sancionou uma lei que não prevê punições aos estudantes, apenas ações educacionais. A determinação abrange as escolas estaduais e privadas de ensino básico e de educação infantil. Já o maior centro financeiro do Brasil adotou, desde 2009, a lei que determina que as escolas públicas da educação básica do município deverão incluir em seu projeto pedagógico medidas de conscientiza-

Estudo Bullying Escolar no Brasil 2010

Fonte: Conduzido pela ONG Plan

A pesquisa realizada com alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas das federações brasileiras mostra que...

10%

já foram alvos de *bullying*



17%

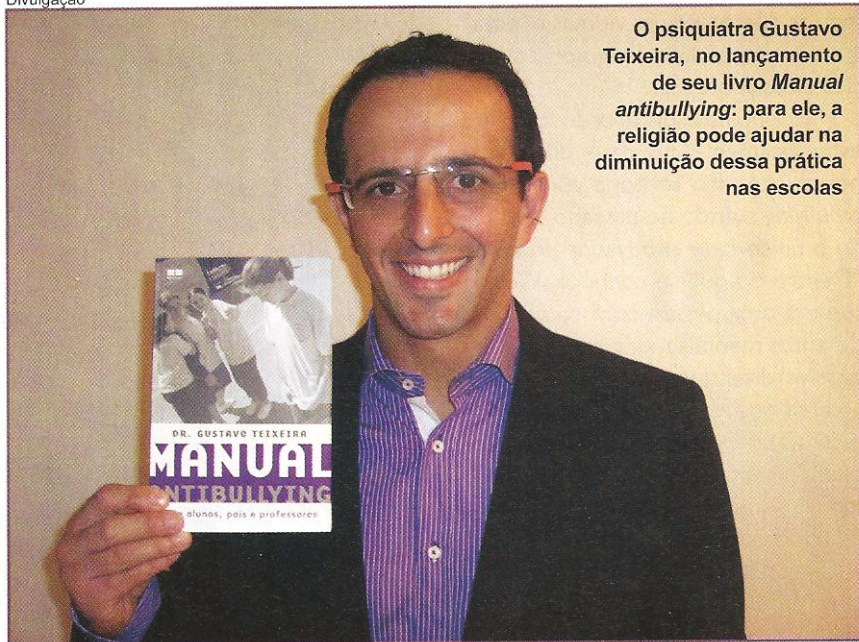
já foram perseguidos pelos colegas na Internet



20%

presenciam ato de violência com frequência





O psiquiatra Gustavo Teixeira, no lançamento de seu livro *Manual antibullying*: para ele, a religião pode ajudar na diminuição dessa prática nas escolas

bro da sede estadual da Igreja Internacional da Graça de Deus em Cuiabá (MT). O problema, segundo Edil, foi resolvido com oração e a transferência do neto para outra escola. Lá, livre do preconceito, melhorou o rendimento escolar do menino, que conseguiu novos amigos.

Porém, nem sempre o trauma do *bullying* é tão fácil de ser superado. A criança ou o adolescente que é vítima do ato pode manifestar sintomas físicos – como dores de cabeça ou de estômago e taquicardia – e até

lia é membro, também foi primordial no tratamento. “O pastor orou por ela, e nós tivemos apoio dos jovens, que conversam muito com ela e sempre a chamam para sair. Agora, Bruna se exercita em uma academia e começou a praticar vôlei”, afirma a mãe. De acordo com ela, a menina ainda precisa fazer uso da substância risperidona [**usada no tratamento de psicoses, como esquizofrenia e transtorno bipolar**], mas sua recuperação, graças ao apoio da igre-